

# EXPERIMENTAÇÕES RIZOMÁTICAS NO CURRÍCULO DE CIÊNCIAS: PELAS VIAS DA DIFERENÇA

Edilena Maria Corrêa<sup>1</sup>  
Maria dos Remédios Brito<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto resulta de uma pesquisa de Mestrado em Educação em Ciências, que buscou tatear as margens de um currículo de ciências na Educação de Jovens e Adultos por vias de suas potências e possibilidades e teve como objetivo investigar se os saberes que emergem no *entre* o currículo escolar de ciências podem potencializar novos modos de existências. Traz como principal questão: o que podem os saberes populares que emergem no *entre* currículo escolar? O referencial teórico toma o pensamento da diferença de Gilles Deleuze e Felix Guattari.

**Palavras-chave:** Currículo de ciências; saberes; transversalidade.

## 1. Introdução

O currículo emerge e institucionaliza-se em determinados contextos e por envolver inúmeros campos de saberes não está isento de fissuras, podendo promover linhas de fuga, subvertendo o modelo linear, que se define como o melhor. Pensar outras possibilidades curriculares pode ser um movimento bastante interessante e desafiador para a educação, e especificamente para o currículo, permitindo outras vozes e outros saberes que tendem a surgir na sala de aula, pois, um currículo está sempre cheio de ordenamentos de linhas fixas, de identidades majoritárias, mas também cheio de possibilidades de rompimento das linhas do ser Paraíso (PARAÍSO, 2009, p. 279).

Abordamos a ideia de currículo no ensino de ciências a partir de uma concepção rizomática, numa visão de transversalidade<sup>3</sup> de saberes. Nessa perspectiva, a visão de currículo está para além da seleção, organização e distribuição dos conteúdos de ciências para a Educação de Jovens e Adultos, mas como algo que se constitui a partir de diferentes formas de ver o mundo, a partir das quais são produzidas, selecionadas e transmitidas “verdades” que dão significados às coisas.

## 2. Percurso metodológico

Embasada na obra de Deleuze e Guattari (1995) que trazem o conceito de cartografia, como um princípio do rizoma, ressaltamos que a pesquisa foi descrita como linhas em constantes movimentos e rearranjos, compreendendo um plano de composição de elementos heterogêneos, em que a prática da pesquisa não é definida de antemão, mas se constitui no caminhar (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009). Nesse processo os planos foram sendo redefinidos, movimentados, criados, experimentados, percebendo-se as múltiplas entradas, pois a cartografia é compreendida também como um rizoma.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal do Pará, Mestra e Doutoranda em Educação em Ciências e Matemáticas do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemáticas da UFPA. E-mail: [edilenacorreia@yahoo.com.br](mailto:edilenacorreia@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutora e Pós-doutora em Filosofia da Educação, Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará. E-mail: [mrdbrito@hotmail.com](mailto:mrdbrito@hotmail.com).

<sup>3</sup> Sobre a ideia de um currículo transversal, Gallo (2008) a partir de uma concepção rizomática de conhecimento, já enfatizadas por Deleuze e Guattari (2005), ressalta a concepção transversal de conhecimento e de currículo, enfatizando que numa perspectiva rizomática, podemos apontar para uma transversalidade entre as várias áreas do saber, integrando-as, senão em sua totalidade, pelo menos de forma muito mais abrangente, possibilitando conexões inimagináveis por meio do paradigma arborescente. Segundo o autor, a transversalidade rizomática aponta para o reconhecimento da pulverização, da multiplicação, para a atenção às diferenças, construindo possíveis trânsitos pela multiplicidade dos saberes.

Para o desenvolvimento conceitual da pesquisa foi dado enfoque aos conceitos: *menor*, *rizoma* e *transversalidade*, pois, demonstram uma espécie de resistência a um tipo de pensamento sedentário e neutralizado de currículo.

Tendo a cartografia como procedimento, que proporciona a possibilidade de acompanhamento, seguimos as linhas curriculares de ciências da EJA em uma escola pública do município de Cametá - PA, tendo a oportunidade de experimentar, criar, pensar outras possibilidades para o currículo.

### 3. Linhas menores de um currículo

Na pesquisa para pensarmos um currículo por suas linhas “menores” lançamos mão do que dizem Deleuze e Guattari (1977) na obra *Kafka: por uma literatura menor*, em que entendem a escrita das obras de Kafka como subversão da língua alemã a partir dela mesma, como parte de uma minoria judia, escrevendo um alemão deslocada da língua maior, da língua materna, escrevendo a partir das margens. É da margem, que o escritor tcheco resiste à língua alemã.

Assim, pensamos o termo “menor” não no sentido de ser menos importante. Deleuze e Guattari ressaltam que uma literatura menor não é uma língua menor, mas antes, a que uma minoria faz em uma língua maior. É assim entendido como um devir, que por linhas de fuga, linhas menores podem possibilitar criação, invenção de novas forças.

Um currículo de ciências por linhas menores, tomando o saber dos estudantes como bifurcações, pode permitir o entrelaçamento, a conexão entre os saberes por diversos pontos, tornando diverso e múltiplo. Segundo Gallo (2003) não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta unidade, o importante é fazer rizoma. Um currículo menor assim pensando como aquele que acontece na sala de aula, nos encontros de professores e estudantes poderia se constituir, acompanhando a potência criadora dos saberes, pois está aberto a novos acréscimos.

### 4. Currículo como possibilidades, de fazer, de experimentar rizomas.

Pensar um currículo e um ensino de ciências uma abordagem rizomática, possibilita perceber o potencial dos saberes dos estudantes, abrir-se a experimentações, possibilitando conexões entre os saberes, nessa perspectiva, o currículo não tem começo nem fim, mas sempre um meio, como abordam Deleuze e Guattari (1995).

Isso permite abertura aos atravessamentos no currículo de ciências, que é movimento, multiplicidade. Como ressalta Paraíso (2010, p. 595), operar por multiplicidade é operar com a diferença em si; é operar com o devir. E um devir não é um nem dois, nem relação de dois, mas relação entre dois, fronteira ou linha de fuga.

As forças no currículo fizeram-nos pensar que esse conhecimento se constitui na experiência e abre outras possibilidades para um currículo de ciências que não são nem mais nem menos verdadeiras, mas são outras, que nos permitem recusar um fim sem reticências como ressalta Chaves (2011). “O *currículo* acontece, difere, está em imanência (...). É entre lugar, zona de fronteira em que diferentes mediações culturais são realizadas” (AMORIM E OLIVEIRA, 2006).

### 5. Considerações finais

Deleuze (1995, p. 34) nos diz que o que existe são agenciamentos maquínicos de desejo, assim como agenciamentos coletivos de enunciação e formas outras. As forças presentes no currículo fizeram-me pensar que esse conhecimento se constitui na experiência e abre outras possibilidades para um currículo de ciências com os estudantes da EJA.

Com muitas incertezas, mas com um pensamento de que enquanto docentes, pesquisadoras, não há um solo firme, mas lugares de aberturas, de experimentações e deslizamentos; Que existem muitos currículos possíveis; Que um currículo de ciências vivo, está em movimento e que os professores e estudantes da EJA não são territórios delimitáveis, linhas estanques, mas que por suas singularidades potencializam um currículo vivo no entre espaço.

### Referências

AMORIM, Antônio C. R. OLIVEIRA, Inês Barbosa (Org.). *Sentidos de currículo: entre linhas teóricas, metodológicas e experiências investigativas*. Campinas, SP: E/UNICAMP; ANPEd, 2006.

CHAVES, Silvia Nogueira e BRITO, Maria dos Remédios de. (Org.). *Formação e docência: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica*. Belém: CEJUP, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

GALLO, Sílvio. *Deleuze & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença no currículo. *Cad. Pesqui.*, v. 40, n. 140, p. 587-604, ago. 2010.

\_\_\_\_\_. Currículo, desejo e experiência. *Educ. Real.* [online], v. 34, n. 02, p. 277-293, 2009. ISSN 0100-3143.

PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TADEU, Tomaz. *A Filosofia de Deleuze e o Currículo*. Goiânia, Faculdade de Artes Visuais, 2004.